

## ALGUMAS NOTAS BREVES SOBRE CITAÇÃO, DESTACABILIDADE E SOBRESSEVERAÇÃO MIDIÁTICA

Sírio Possenti

Roberto Leiser Baronas\*

Os meios de comunicação, de maneira geral, argumentam que, ao transmitirem uma determinada informação, o fazem com base na maior neutralidade possível. Advogam que o trabalho da mídia é transmitir objetivamente os fatos. Ademais, a mídia, com o apoio das novas tecnologias, tem procurado desenvolver maneiras mais eficazes de reiterar nas informações que veicula esse efeito de imparcialidade. Todavia, com o avanço dos estudos das Ciências da Linguagem, mais especificamente daquelas que se debruçam sobre o funcionamento dos textos e dos discursos, a pretensa neutralidade interpretativa da mídia é colocada em xeque, bem mais claramente do que os próprios manuais admitem de alguma forma, ao contrário do que fazem individualmente, muitas vezes, os jornalistas. Os estudos do texto e do discurso, sobretudo os que tomam como objeto a mídia, têm deixado cada vez mais evidente que, sob a aparente neutralidade midiática, há todo um trabalho de interpretação, de direcionamento dos sentidos.

Neste breve texto, nosso objetivo é discutir um pouco mais acuradamente sobre um dos aspectos desse trabalho interpretativo da mídia. Em outros termos, tentaremos compreender *como* a mídia dá a ler determinados acontecimentos. Nosso trabalho se debruça então sobre a questão da leitura.

Há duas maneiras básicas de pesquisar sobre a questão. Uma tem a ver com *decifração*, ou seja, com técnicas, métodos, teorias que permitiriam a um leitor ter acesso aos sentidos dos textos (verdadeiros, profundos, corretos etc.,

dependendo das crenças teóricas ou do que se busca, considerados o campo - jurídico, religioso, filosófico, literário, técnico, comercial, publicitário etc.- e o tipo de texto).

Outra vertente tem a ver com *circulação*. As perguntas, no caso, são: quais textos circulam em quais lugares? quem lê o quê (nos diferentes séculos, nas escolas, na internet; o que se vende em bancas, em livrarias de aeroporto etc.)? Uma subdivisão desse tema põe outra pergunta: como certos textos circulam - inteiros, aos pedaços, adaptados, em edições originais, traduzidos? E mais: por que, de um texto integral, freqüentemente circulam apenas partes - estrofes, versos, finais, começos, pontos culminantes? Em que medida esse trabalho de recorte de um texto interfere na sua interpretação, fornecendo ao leitor uma espécie de percurso interpretativo?

Trataremos mais especificamente de um dos procedimentos realizados atualmente pela mídia para direcionar os sentidos. Estamos nos referindo ao trabalho da mídia de efetuar o destaque de um determinado enunciado de um texto maior e de colocá-lo em circulação como se este não tivesse sofrido o recorte e nem qualquer outro tipo de interpretação. Trata-se, aparentemente, de um procedimento de citação da fala do outro. Um procedimento em que um enunciador sutilmente ancora a sua fala na fala de um outro sujeito. Contudo, é um procedimento de citação que não se apresenta da mesma forma que o recurso ao discurso direto, ou indireto, por exemplo, uma vez que o enunciado é destacado sem que apareça a própria fala do enunciador que realizou tal destaque, marcada tradicionalmente pelo uso de verbos *dicendi* (dizer, falar, enunciar etc.) mais a conjunção “que”, e sem que se explicita de qual contexto tal enunciado foi destacado.

Para deixar um pouco menos árido o que estamos dizendo, tomamos inicialmente um conjunto de enunciados, veiculados pelo *Universo On Line* – UOL, em sua página inicial no dia 14/11/2008, e proferidos pelos líderes mundiais do G 20 sobre a crise financeira mundial. E, num segundo momento, tomamos como objeto de análise dois enunciados que circularam em diversos suportes midiáticos em forma de perguntas incluídas num programa eleitoral da candidata Marta Suplicy, a respeito do também candidato Gilberto Kassab, durante a campanha para a prefeitura de São Paulo, em outubro de 2008.

Os enunciados dos líderes mundiais acerca da crise foram inseridos pelo UOL em balões de forma semelhante ao procedimento adotado pelos autores de histórias em quadrinhos. Ao lado de tais enunciados, o incluiu fotografias desses líderes, ligando as falas às suas imagens. Logo acima das fotos, cada um dos líderes era classificado em um de três grupos: Otimistas; Pessimistas e Críticos do Capital. Dentre os Críticos do Capital estavam, por exemplo, as fotografias dos presidentes Luis Inácio Lula da Silva e Hugo Chávez.

Para nossa discussão inicial, consideramos os enunciados “proferidos” pelo presidente Lula: *“As pessoas vêm me perguntar sobre a crise, eu respondo vai perguntar pro Bush. A crise é dele, não minha”*. Os enunciados em questão foram destacados de um pronunciamento mais longo do presidente Lula, durante a inauguração da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), no dia 19/09/2008, em Mossoró (RN), e da Usina Termelétrica de Jesus Soares Pereira (Termoaçu). Na ocasião, em um discurso de doze páginas, entre outras coisas, disse o presidente: *Vocês viram que a crise americana já está aí há algum tempo. A imprensa só fala nisso. Imagine, Wilma, se fosse dez anos atrás. Imagine se os Estados Unidos dessem o espirro que deram com essa crise imobiliária lá, certamente o Brasil teria pegado pneumonia. Agora, eles estão em crise. A imprensa, de vez em quando, fica doida: **“Mas, presidente Lula, e a crise americana?”** **“Perguntem para o Bush. A crise é dele, não é minha”**. Eu tenho que cuidar do meu país para não permitir que ele seja contaminado por esta crise, e é por isso que diversificamos a nossa balança comercial. Antigamente o Brasil tinha muitas coisas com a Europa e com os Estados Unidos – e ainda queremos ter – mas hoje nós temos mais com a América do Sul e com a América Latina, temos mais com a África, com o Oriente Médio, com a Ásia. Hoje não dependemos de um ou de dois países. Hoje nós temos um fluxo de balança comercial diversificado. Além disso, o FMI não está mais aqui para dar palpite nas coisas que nós fazemos, e temos 207 bilhões de dólares de reserva, sagrados, para não permitir que este país seja vítima de especulação imobiliária ou financeira.* (grifos nossos).

O enunciado grifado deixa claro que o enunciador jornalista não somente destacou de um texto maior um (pequeno) enunciado, mas também realizou um trabalho de interpretação dele, como se pode ver comparando as

duas versões: segundo o jornalista, Lula disse: *“As pessoas vêm me perguntar sobre a crise, eu respondo vai perguntar pro Bush. A crise é dele, não minha”*. Por sua vez, Presidente Lula tinha dito: ***“Mas, presidente Lula, e a crise americana?” “Perguntem para o Bush. A crise é dele, não é minha”***. Todo o restante da fala do presidente é completamente “esquecida” pelo enunciador jornalista. Esse esquecimento direciona o leitor para uma interpretação quase única da fala do presidente, uma leitura negativa. Por meio desse procedimento, há uma amplificação da figura desse enunciador jornalista, que, por um lado, se apresenta como autorizado a realizar tal procedimento e, por outro, por paradoxal que isso possa parecer, se desresponsabiliza pelo que foi dito, uma vez que não é possível identificar marcas de seu discurso no discurso do Presidente. Não há, na materialidade lingüística, um único vestígio da operação de “destacamento” realizada pelo enunciador jornalista. É como se o trabalho enunciativo / interpretativo de recortar a fala do outro, realizado pelo enunciador jornalista, não existisse.

Em última instância, e voltando ao enunciado em questão (*“As pessoas vêm me perguntar sobre a crise, eu respondo vai perguntar pro Bush. A crise é dele, não minha”*), é Lula quem será cobrado pela asserção acerca da crise mundial, e não o enunciador jornalista que realizou o recorte e o trabalho de interpretação da fala do presidente. O enunciador dificilmente sofrerá uma sanção pela colocação em cena do conteúdo proposicional da fala do outro e nem pelo destaque. Trata-se de um dizer, que por meio do destaque da fala do outro, esconde o trabalho interpretativo do enunciador jornalista, mas que não resguarda o autor da responsabilidade da sua fala. Esse procedimento produz uma espécie de *hiperproteção* do enunciador jornalista. O destaque da fala do outro protege o enunciador jornalista de possíveis sanções legais que este poderia sofrer por dizer a fala do outro.

O segundo texto analisado se refere ao trabalho de recorte de duas das nove perguntas que a propaganda de Marta Suplicy dirigia aos espectadores, relativas ao candidato Gilberto Kassab, no começo da campanha do segundo turno. Essas duas perguntas, segundo a mídia, (a campanha de) Marta não deveria ter feito, por serem sobre a vida privada do outro candidato. Mais especificamente, diziam respeito a sua opção sexual. As duas perguntas que a

propaganda de Marta fazia sobre Kassab eram “É casado? Tem filhos?” A peça toda, que pode ser vista no site do YouTube, apresenta a imagem de Kassab e “recita” o seguinte texto:

***Você sabe mesmo quem é o Kassab?***

***Sabe de onde ele veio?***

***Qual a história de seu partido?***

***De quem foi Secretário e braço direito?***

***De quem esteve sempre ao lado, desde que começou na política? Se já teve problemas com a justiça?***

***Se melhorou de vida depois da política?***

***É casado?***

***Tem filhos?***

***Já que ele não informa nada, não é mais prudente se informar sobre ele?***

***Para decidir certo, é preciso conhecer bem.***

Então – eis a questão – caberia entender por que, das nove perguntas da tal peça de campanha, duas foram lidas, repetidas, comentadas, interpretadas, tiveram sua autoria discutida etc., e as outras sete sequer foram mencionadas. Consideremos um comentário, um só, o início do editorial do *Estado* de 25/10/2008, que resume bem o que ocorreu:

*Perguntas que não querem calar são aquelas que, por sua pertinência, clamam por uma resposta. As perguntas que a propaganda da candidata Marta Suplicy levou ao ar contra o seu adversário Gilberto Kassab – “É casado? Tem filhos?” – também não querem calar, mas por motivos que se diriam diametralmente opostos: a indignação que provocaram até mesmo no PT e a duvidosa distinção que acabaram adquirindo...*

Do ponto de vista da decifração, o percurso não é completamente óbvio (já que interpretações são sempre propostas de interpretação). Mas pouco importa, no caso (talvez nunca importe, de fato) a interpretação de um leitor, mesmo que ele seja muito sagaz. O que importa é a interpretação que circulou, a interpretação “social”, ou a dominante.

Ela se baseou em dois dados prévios: que Kassab não é casado e que não tem filhos. A maldade atribuída à propaganda, entretanto, tem muito pouco a ver, estritamente, com o estado civil de Kassab, mas com suposições a que estamos acostumados, com inferências que se extraem usualmente de certos dados: se não é casado, talvez não seja heterossexual. Ou, mas diretamente, é homossexual.

Este foi o percurso de interpretação que de fato se fez. Por isso, todos disseram que Marta fez insinuações maldosas, que a propaganda apelou para a baixaria, que invadiu a vida privada quando não era o caso, que foi um ato sórdido etc.

O problema de fundo seria, para uns, “se é homossexual, não pode ser um bom prefeito”, e, para outros, “se esconde a opção sexual, pode estar escondendo outras características (que fariam dele um mau prefeito)”. A opção pelo segundo “problema” era quase exigida na peça eleitoral, tomada como um todo, mas ninguém lhe deu importância. A outra leitura foi completamente dominante, quase única.

Mas há mais: “Tem filhos?” poderia parecer uma pergunta redundante. Mas não é, porque ela “aprofunda” a anterior: afinal, ele poderia *não* ser casado e mesmo assim ter filhos. Se... Essa foi, pois, a verdadeira questão.

As perguntas são só perguntas, dirá um defensor da propaganda. Ocorre que elas não foram feitas no vazio (nada se diz no vazio): não só se sabe quais são as respostas a essas duas perguntas, como elas estão associadas a sólidos preconceitos em relação aos que, podendo ser casados e ter filhos, não o são e não os têm.

Por que essas duas perguntas “pegaram”? É por que estão no final de uma lista? Ou por que são mais breves? Ou por que há uma insistência (a última

retoma, de certa forma, a anterior)? Será que é porque são as que “têm graça”, porque são sobre a vida privada?

O teórico francês do discurso Dominique Maingueneau denomina procedimentos semelhantes a esse do UOL e dos outros suportes midiáticos de *sobreasseveração*. Para Maingueneau (2008) *qualquer que seja a modalidade da asseveração implica uma figura de enunciador que não apenas diz, mas mostra que diz o que diz e, presume-se que o que ele diz condensa uma mensagem forte, induzindo a uma tomada de posição exemplar. A sobreasseveração estabelece uma asserção que leva a uma responsabilidade diante do mundo.*

Em outras palavras, na *sobreasseveração* temos um procedimento que não apenas põe em evidência um enunciado que foi dito por um enunciador diferente do enunciador jornalista, mas um procedimento que se constitui numa tomada de posição no interior de um conflito de interpretações. Ou seja, o enunciador jornalista ao recortar um fragmento da fala do outro está interpretando a fala desse outro e no mesmo processo direcionando o público a aderir a essa interpretação.

O enunciador jornalista se constitui num sobreasseverador que se sobrepõe tanto ao seu leitor quanto ao outro cuja fala recorta, mostrando uma imagem de si, um *ethos* de um sujeito autorizado a realizar o trabalho de destaque da fala do outro. Trabalho esse que é realizado sob a validação da instituição midiática, no caso em análise, da UOL e dos outros analisados, que estabelece valores para além das interações e das argumentações. Trata-se de um trabalho de direcionamento de sentidos, de constituição de subjetividades em que, sem que se dê conta, o leitor é levado a aderir à interpretação do enunciador jornalista e, por extensão, ao posicionamento do veículo midiático no qual esse jornalista está inscrito.

\* Sírio Possenti é Professor no Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP e Roberto Leiser Baronas é Professor no Departamento de Letras e no Programa de Pós-Graduação em Lingüística da UFSCar.

O discurso do Presidente Lula em 19 de setembro de 2008 pode ser encontrado no site [www.imprensa.planalto.gov.br/download/discursos/pr883-2@.doc](http://www.imprensa.planalto.gov.br/download/discursos/pr883-2@.doc)

Optamos por transcrever somente o parágrafo no qual consta o discurso de Lula citado pelo UOL por conta mesmo da extensão da íntegra do discurso do presidente.